

Manoel d'Almeida Filho

5

# NEQUINHO E JANDIRA



Preço Cr. \$3,00

## Nequinho e

Jandira

Oh! musa casta divina  
Que ao poeta inspira  
Dá-me força e pensamento  
Fortifica a minha lira  
Para contar o romance  
De Nequinho com Jandira

Nequinho era um rapaz  
Filho de um agricultor  
No estado de S. Paulo  
Onde era morador  
Na alta sociedade  
Gosava grande valor

Seu pai Justino Pereira  
Apezar ser muito pobre  
Botou-o p'ra estudar  
Com as delicias de nobre  
Aonde tirou a carta  
A custo de muito cobre

Quando Nequinho formou-se  
Destinou-se a viajar  
Deu um passeio no sítio  
Para os pais visitar  
E também certo diaheiro  
Que precisava arranjar

Destinou essa viagem  
Para cumprir sua sorte  
Despediu-se da família  
Tirou guia e passa-porte  
No outro dia embarcou  
Foi para America do Norte

Nequinho que tinha estado  
Falava bem portuguez  
Idiomas estrangeiros  
Tambem conhecia trez  
Francez e Italiano  
Falava bem o Inglez

E' de forma que n'America  
De quasi nada estranhou  
Foi muito bem recebido  
A todos cumprimentou  
Que era bem procedido  
Seu passa-porte constou.

Hospedou-se num hotel  
Da mais alta fidalguia  
Onde pouco viajante  
O seu preço resistia  
Por ser o hotel mais rico  
Que na cidade existia.

Aqui eu deixo Nequinho  
No hotel de pérola fina  
Para falar de Jandira  
Com a sua negra sina  
Como ela foi roubada  
Do Brasil inda menina.

-- Jandira era uma criança  
Filha de um Brasileiro  
Um Barão muito valente  
Morava em Rio de Janeiro  
Vamos ver como Jandira  
Foi parar no estrangeiro

Vieram uns americanos  
Examinarem u'a miãa  
Quando chegaram no Rio  
Viram essa tal menina  
Seus olhos tinham o brilho  
Da estrela matutina.

Com seis anos de idade  
Tinha um gesto tão lindo  
Que só parecia um anjo  
Nos pés da Virgem dormindo  
Ao romper da aurora  
Quando a lua vem surgindo

Disse um americano:  
Oh! que menina galante  
E' o retrato de Venus  
Com seu olhar fascinante  
Tem o gesto de Minerva  
Oh! sorriso palpitante.

Eu que tenho vinte anos  
Ela pode ter uns seis  
Eu vou rouba-lo e crio  
Ensino a ela o Inglez  
Para ser minha esposa  
Quando chegar esta vez

Assim o malvado fez  
O seu plano traiçoeiro  
Roubou a dita menina  
Seguiu para o estrangeiro  
Deixou os pais de Jandira  
No mais cruel desespero

Quando chegou na cidade  
Temendo ser descoberto  
Levou a pobre Jandira  
Botou-a em um deserto  
Presa em um palacete  
Sem ter moradas por perto

E lá botou uma velha  
Para criar a menina  
Aqui eu deixo Jandira  
Cumprindo a dura sina  
Para falar de Nequinho  
Ver a sorte o que destina

Nequinho que na cidade  
Não arrumou um emprego  
Foi expulso do hotel  
Perdeu até o sossego  
Vagava de dia a noite  
Como curaja ou morcego

Um dia viu-se apertado  
Pois a fome o obrigou  
Ele entrou em um hotel  
Sem ter dinheiro almoçou  
No terminar do almoço  
A desgraça começou

Nequinho disse: garçon  
A coisa está decidida  
Pois eu não tenho dinheiro  
Para pagar a comida  
Do jeito que estou hoje  
Só se pagar com a vida

O garçon disse: bandido  
Tú arrancaste u'a mina  
Pois ou pagas o almoço  
Ou entras na disciplina  
Ou amanhã muito cedo  
Estás fazendo fachina

Nesta voz disse Nequinho:  
Oh! vagabundo atrevido  
Como se maltrata outro  
Antes de ser ofendido  
Deu-lhe um murro na cabeça  
Que destampou-lhe um ouvido.

Nisso o dono do Hotel  
E alguns policiais  
Partiram para Nequinho  
De pistolas e punhais  
Nequinho enfrentou a luta  
Igual a um leão voraz

Pegou logo uma cadeira  
Naquele grande alvoroço  
Disse: eu vou pagar agora  
Toda conta do almoço  
Deu uma pancada num  
Chegou quebrar-lhe o pescoço

Mas a cadeira quebrou-se  
Não aguentou o rojão  
E a tropa em cima dele  
Sem ter dó nem compaixão  
Nequinho na cabeçada  
Enfrentou ao batalhão

A tropa toda gritava:  
Renda-se prisioneiro  
Nequinho disse: eu vou preso  
Matando um cento primeiro  
Vocês hoje não de ver  
O peso de um brasileiro

Nisso chegou um reforço  
O comandante gritou:  
Vamos pegar o bandido  
A tropa toda avançou  
Nequinho com a cabeça  
De prontidão esperou.

Partiu para o comandante  
Deu-lhe uma cabeçada  
Que quando ele caiu  
Estava feito fritada  
E Nequinho tomou dele  
O revolver e a espada.

Nequinho disse: en agora  
Brigo até com Satanaz  
Só temo a Deus do céu  
E na terra a ninguém mais  
Chegou mais outro reforço  
Com trinta policiais

O estandarte era feio  
Nessa luta encarniçada  
Nequinho com o resolver  
Dava tiro de rajada  
E embolava no chão  
Cortando com a espada

Mas Nequinho que estava  
Da luta muito cansado  
Estava quase maluco  
Quando chegou um soldado  
Deu-lhe tão grande pancada  
Que ele caiu desmaiado

Quando Nequinho tornou  
Estava todo algemado  
Disse-lhe um oficial:  
Agora estás arrumado  
Amanhã logo cedinho  
Hás de morrer fuzilado

Nequinho disse: está certo  
P'ra mim não é embaraço  
Querem ver p'ra quanto presto?  
Basta afrouxar-me um braço  
P'ra eu mostrar a vocês  
Que um homem não é bagaço

Eu aqui neste paiz  
Não tenho quem me socorra  
Disse outro oficial:  
Meu voto é que você morra  
Levaram ele e trancaram  
Numa imunda masmorra



No outro dia às dez horas  
Foi que ponde ser julgado  
Quando ouviu ler a sentença  
Para ir ser fusilado  
Disse: só assim descanso  
Deste mundo desgraçado

Emigrei de meu paiz  
Atraz da felicidade  
E em vez de encontrá-la  
Achei a barbaridade  
Morro levando comigo  
De meus pais uma saudade

Aí levaram Nequinho  
O colocaram na praça  
Chegou um tenente e disse:  
Vamos fazer a desgraça  
Quero ver quando ele sóbe  
Na cabeça da fumaça

Estava ali um pelotão  
Já muito bem prevenido  
O tenente gritou: fogo!  
Ouviu-se grande estampido  
E Nequinho lá de pé  
Porém não foi atingido

O tenente de alegria  
Disse para o companheiro:  
Aquele safado agora  
Deixa de ser brasileiro  
Nequinho quebrou no beco  
Na sombra do fumaceiro

Quando passou a fumaça  
O cadaver procuraram  
Tão grande foi o espanto  
Quando eles não acharam  
E dois tenentes de raiva  
Ali se suicidaram

Vamos saber o motivo  
Que Nequinho foi feliz  
Deu-se um engano gosado  
P'ra salvar o infeliz  
Com balas de pólvora seca  
Foi carregados os fuzis

Esses soldados tiveram  
Uma sentença bem forte  
Foram todos fuzilados  
E Nequinho teve a sorte  
De correr e se livrar  
Do golpe frio da morte

Tinha tirado trez leguas  
Nessa carreira que ia  
Avistou um palacete  
Já quasi ao morrer do dia  
Chegou à porta e bateu  
Pois era o geito que havia

Saiu uma velha magra  
Perguntou de cara feia:  
— O que deseja o senhor?  
Batendo na casa alheia  
Nequinho lhe perguntou:  
— Pode fazer-me um ceia?

Ela disse: não senhor  
Porque eu sou empregada  
Crio aqui u'a minina  
Quedo Brasil foi roubada  
E o meu patrão é brabo  
Só cascavel assanhada.

Nequinho disse: velhinha  
Eu vou lhe falar de véra  
Pode fazer minha ceia  
Que a barriga não espera  
E se seu patrão chegar  
Eu resolvo com essa fera

A velha disse: estou vendo  
Que dessa vez me acabo  
Nequinho disse: velhinha  
Não tenha medo do brabo  
Que enchendo a barriga  
Brigo até com o diabo

A velha entrou ligeira  
E foi cuidar na comida  
Vamos saber de Jandira  
Como estava perseguida  
E como o americano  
Queria tirar-lhe a vida

Jandira com quinze anos  
Era tão linda e formosa  
Que parecia uma santa  
Feita por mão milagrosa  
Tinha gesto de um anjo  
E o perfume da rosa

Ela perguntou a velha  
Que mocinho era aquele  
Disse a velha: eu não sei  
Diz ela: eu vou saber dele  
Saiu e saudou Nequinho  
Poz-se a conversar com ele

Nequinho sem ter demora  
Contou logo a sua vida  
Jandira disse: eu também  
Me considero perdida  
Longe de minha família  
Neste bosque desvalida

E contando o seu passado  
Começou dizendo assim  
Pois o homem que roubou-me  
Ontem a tarde disse a mim  
Se eu não casasse com ele  
Daqui me daria fim

Já me deu muito dinheiro  
Mas não estou satisfeita  
Porque aquele infeliz  
Meu coração não aceita  
Ainda morta queimada  
Minh'alma ainda o regeita

Ah! se eu tivesse a ventura  
De minha mãe avisar  
Nequinho disse: a senhora  
Querendo eu posso a levar  
A questão é ter dinheiro  
Que dê p'ra nós embarcar

Jandira então respondeu  
Dessa forma assim eu vou  
Nisso saiu a comida  
Nequinho muito ceiou  
Quando terminou a ceia  
O americano chegou

Bateu mão ao punhal  
Deu na moça um ponta-pé  
Disse a Nequinho, levante-se  
E da vida perca a fé  
Nequinho disse: encontrei  
Fôrma que deu no meu pé

Jandira nesse momento  
Não faltou disposição  
Deu um revolver a Nequinho  
Com muita satisfação  
Disse: mate este atrevido  
Que eu te dou meu coração

Nequinho disse: bandido  
Agora você me diz  
Porque motivo roubou.  
Esta moça do meu paiz?  
Respondeu o americano:  
Eu roubei p'ra ser feliz

Mas não é de sua conta  
E que quer você com ela?  
Enfrenta toda desgraça  
E se esta gentil donzela  
Nequinho disse: eu quebro  
O texto da tua panela

Disse-lhe o americano:  
E's um menino amarelo  
Não dás nem p'ra meia missa  
Na ponta do meu cutelo  
Olhe p'ra mim que eu sou  
A cobra que mordeu Belo

Nequinho então respondeu:  
E's um pau que não dá obra  
O teu cutelo p'ra mim  
E' mole que chega dobra  
Olhe p'ra mim que eu sou  
Belo que matou a cobra

Respondeu o americano:  
A tua hora é chegada  
Pelo amor de Jandira  
Não temo nem a espada  
Punhal e bala p'ra mim  
E' mesmo que panelada

Nequinho disse: eu vou ver  
Se tua vida é segura  
Quero ver essa matéria  
Que bala e punhal não fura  
Deu-lhe a carga de revolver  
Que a casa ficou escura

Nequinho viu-se pegado  
Pelo tal americano  
Que tomou-lhe o revolver  
Com um furor tão irano  
A força foi tão danada  
Chegou arrancar o cano

Ele abecou Nequinho  
Naquela hora fatal  
Disse: chame por Jesus  
E seu pai celestial  
Eu quero ver quem o livra  
Da ponta de meu punhal

Nequinho disse: eu agora  
Vou te mostrar quem eu sou  
Mandou-lhe um sôco bem dado  
O americano rodou  
Antes de cair no chão  
O punhal Nequinho tomou

Nequinho disse: levanta-te  
Não mato homem deitado  
Ele ainda levantou-se  
Mas Nequinho preparado  
Meteu-lhe o punhal no peito  
Que saiu do outro lado

O americano morreu  
Nessa mesma ocasião  
Chegou Jandira e a velha  
Com muita satisfação  
Jandira disse: meu anjo  
Ganhaste meu coração

Disse Nequinho: Jandira  
Vamos ver se tem dinheiro  
Para sairmos daqui  
Direito ao Rio de Janeiro  
Para passarmos natal  
Já no paiz Brasileiro

Somente de ouro e prata  
Jandira tinha guardado  
Cinquenta contos de réis  
Que ela tinha arranjado  
Mas nunca caiu no laço  
Do infeliz desgraçado

Nequinho mandou Jandira  
Vá logo hoje à cidade  
Compre lá uma batina  
E volte com brevidade  
Que eu só posso viajar  
Se fôr em traje de frade

Jandira foi à cidade  
No mesmo dia voltou  
Um chapéu e a batina  
Muito decente comprou  
Nequinho em traje de frade  
Para o Brasil viajou

Quando saltaram no Rio  
Tomaram uma carruagem  
A velha também com eles  
Acompanhou na viagem  
Saltaram na porta de  
Barão José da passagem

O Barão que não pensava  
Ser sua filha perdida  
Pois não lembrava-se mais  
P'ra todos era esquecida  
Nequinho disse: abençõe  
Sua filha querida



Nequinho então contou  
A história verdadeira  
Como encontrou Jandira  
Triste e prisioneira  
E nas garras de um monstro  
Uma fera carniceira

O Barão com a esposa  
Cheios de contentamento  
Abraçaram-se com ambos  
E o barão no momento  
Disse: em paga da bravura  
Dou-lhe ela em casamento

Nequinho com muito gosto  
O casamento aceitou  
Foi buscar sua família  
Em pouco tempo chegou  
Entre festejos e, vivas  
Com 15 dias casou

E na hora em que o Padre  
Celebrou o himineu  
O barão disse: Nequinho  
Quem dá-lhe o valor sou eu  
Homem que morre de medo  
Não sabe de que morreu

Estão completas as bravuras  
Dum patriota guerreiro  
Que lutou com heroismo  
Em um país estrangeiro  
Quem não comprar um romance  
Não prova ser brasileiro     FIM

2350 **SEJA FELIZ AGORA!**

*Valentes H. Casp*

Milhares de pessoas que usavam determinados nomes, viviam sofrendo as maiores amarguras; depois que se consultaram com o Grande Ocultista Prof. Firmino Torres, seguiram a sua orientação e com a mudança dos nomes, vieram prontamente transformar-se o infortúnio em Felicidade. Não case, não faça negócios, não admita sócios nem empregados, sem observar



primeiro quais as influências astrais predominantes nos nomes dos mesmos. De já, ordene a confecção do seu HOROSCOPO NUMEROLOGICO e remeta 10 cruzeiros em carta registrada contendo seu endereço legível e receberá com brevidade a sua resposta que o orientará no caminho da Felicidade. Dirigir-se ao Prof. Firmino L. Torres,

**rua João de Brito, 40-(Ant. Ramos de Queiroz)**

**Salvador—Bahia**